

Entrevista ao jornal “Expresso” de 5 de Maio de 2012

P: Depois de uma longa hibernação, a social-democracia começou a despertar?

MS: Sim, esta crise veio da América, daí passou para a Europa e países europeus. Andamos há ano e meio a ouvir dizer que estávamos a gastar demais, que era despesismo. Mas não foi isso o que nos criou os grandes problemas. O grande problema é que estamos numa crise europeia, e os países mais débeis e frágeis foram os primeiros a ser tolhidos. Primeiro a Grécia, depois Irlanda e Portugal, mas agora a Itália, Espanha, República Checa, Eslovénia, Eslováquia, e certamente a França, se François Hollande perder. O que não vai acontecer. Portanto, por força das circunstâncias, mais que pela vontade dos "artistas" – os dirigentes europeus – está a ocorrer uma mudança na Europa. Essa mudança tem de ter austeridade, mas com cuidado. Mais do que austeridade é necessário, principalmente, investimento, para acabar com a recessão, desenvolver a economia real, não a virtual, e ajudar os desempregados. A Europa não pode ver-se privada de uma tão grande força de trabalho. Isto tem custado muito a perceber à sra. Merkel e ao sr. Sarkozy, se é que já perceberam. Verificámos desde 2007 que os partidos socialistas, sociais-democratas, trabalhistas, democratas progressistas, como são os italianos, é tudo a mesma coisa, que estes partidos foram-se desacreditando.

P: Porquê?

MS: Porque foi o tempo da "terceira via", do sr. Blair, que queria introduzir os partidos socialistas no sistema neoliberal, da economia virtual e pôr os mercados a dominar os Estados e não o contrário. Foi isto que ele fez, está riquíssimo, converteu-se ao catolicismo, mas de socialista ou trabalhista nunca teve nada. E fez muito mal à União Europeia e aos socialistas em particular. Mas além da família social-democrata, há uma outra família que trabalhou muito no projeto europeu: a democracia cristã, que também foi absorvida pelos partidos populistas e conservadores e pelo neoliberalismo. Claro que a doutrina social da Igreja não tem nada a ver com o neoliberalismo, pelo contrário. Mas há senhores que se dizem muito católicos e só querem ganhar dinheiro. Não se preocupam com as pessoas, não têm em consideração esse lado do problema.

O facto é que a decadência simultânea destas duas famílias políticas deu como resultado que a Europa começou a ser governada, praticamente por toda a parte, por populistas, ultraconservadores, que não têm qualquer consideração pela importância das questões e dos benefícios sociais, ao contrário do que aconteceu na CEE e depois União Europeia, nos últimos 30 anos antes da crise. Foi isso que nos levou à situação em que estamos. Para recuperarmos, nós, socialistas, temos que actuar, verdadeiramente como socialistas. E isso significa ter respeito pelo Estado Social. Sem ele não há um mínimo de igualdade e de solidariedade entre as pessoas.

P: O regresso da social-democracia surge por mera alternância de poder, ou porque começaram a surgir alternativas políticas?

MS: A alternativa política, existe. Consiste em diminuir a austeridade, para defender o desenvolvimento dos países, acabar, no possível, com o desemprego e manter o Estado Social. Foi ele que trouxe 30 anos de progresso a todos os Estados da União Europeia. Foi uma experiência única no Mundo, sem paralelo, no que se refere ao bem-estar das pessoas. Ora é isso que conta. Mas há dirigentes europeus para quem só conta o dinheiro!

P: Mas há quem diga que o Estado social, tal como está, não é sustentável...

MS: É uma falácia. Não querem manter o Estado Social, porque o dinheiro vai para outros interesses. Muito menos justos do que os do Estado Social. Não acredito nessa tese.

P: Existe efetivamente uma alternativa?

MS: Exatamente.

P: Onde coloca aí o problema do equilíbrio (ou desequilíbrio) das contas públicas?

MS: Lá chegaremos, mantendo os benefícios sociais, em termos europeus, e não só nacionais. É preciso que o BCE comece a fabricar euros, como a

Reserva Federal Americana fabrica dólares ou o Bank of England, libras esterlinas. Se o BCE o fizer, não faltará liquidez.

P: Funcionando a Europa (em princípio) por consenso, será isso possível?

MS: Não duvido. Se assim não acontecer a União Europeia entra no caos. Já estão a discutir e a oferecer 200 mil milhões de euros para o Banco Europeu de Investimento (BEI). Se o fizerem, já é um grande passo, mas podem fazer muito mais. Porque razão não se podem emitir euros? Os americanos fazem-no à vontade e dizem-nos para o fazermos também, senão entraremos numa decadência irreversível. Há três anos dizia-se, embora eu nunca tenha acreditado nisso, que os americanos estavam mal porque os dólares estavam a ser todos comprados pela China. Mas eles emitiram mais dólares. E agora é a China que não sabe a quem e como os há-de vender...

P: O renascimento da social-democracia e da esquerda...

MS: ... e da democracia-cristã, faço questão nisso. É importante porque foram ambas as famílias que construíram a União Europeia...

P: ...não se vê neste momento um renascimento da democracia cristã...

MS: A Igreja tem também de dar o seu contributo. E espero que o faça. Alguns dirigentes europeus dizem "não há alternativa à austeridade". Ora há. Se não

houvesse estaríamos condenados à decadência. A alternativa é mudar de paradigma de desenvolvimento. Como disse Obama.

P: Só é possível o renascimento da social-democracia com uma rutura?

MS: Claro, com uma rutura pacífica. Se não a crise levar-nos-á decadência, ao desespero e talvez ao fim da democracia...

P: Por que é que numa primeira fase, pelo menos, a crise não trouxe a vitória à social-democracia?

MS: Devia ter acontecido isso, mas não. Eu esperava que com o colapso do comunismo a social-democracia e a democracia cristã pudessem desenvolver o projecto europeu. Mas os americanos pensaram o contrário. Foram eles que lançaram a globalização desregulada, o neoliberalismo como ideologia única e que fizeram cair os partidos socialistas, sociais-democratas e democratas-cristãos.

P: Ou eles deixaram-se cair?

MS: A história nem sempre se faz por linhas rectas. Os historiadores interpretá-lo-ão, na altura própria. Quando os partidos socialistas começaram a dizer que queriam ter muito respeito pela economia (virtual, como já era), porque era a base de tudo e era preciso respeitar os mercados e os paraísos fiscais e toda essa tralha – para não dizer "lixo" – fizeram um grande disparate e criaram uma

situação que lhes está a custar caro. Hoje a situação da América é melhor do que a da Europa, mas também é difícil. Não é por acaso que o Presidente Obama diz que a Europa não se pode deixar cair. Seria péssimo para os Estados Unidos e para o Ocidente em geral.

Em relação a Portugal dizem não haver dinheiro para o desenvolvimento e crescimento.

Mas aparece sempre. O atual Governo, por exemplo, diz que não há dinheiro, mas continua a fazer tudo como os anteriores. O problema está em saber onde se vai buscar e de que lado se está.

P: Mas pararam as obras públicas...

MS: E as Universidades, estão a parar como os hospitais. Está tudo a parar, como os Ministérios, na sua maioria. A continuar assim vamos de mal a pior. Veja-se o dossier do BPN, que saiu no Diário de Notícias. É extraordinário! Aquilo devia pôr as pessoas em pânico! E depois ainda se atrevem a falar de Justiça e de reforma da Justiça, se não são capazes de julgar os poderosos, só os desgraçados. Como socialista, não posso ficar em silêncio. É preciso ter a coragem de dizer a verdade e fazer justiça.

P - A política é sempre local e a Europa também vive disso. Se houver uma mudança na Europa, é porque houve mudanças significativas nos Estados-membros e nas instituições europeias.

MS - Já são muitos a mudar. Ou seja, a Europa está a mudar em virtude das políticas dos Estados nacionais. Porque senão mudar, o que pode acontecer à Itália e à Espanha, sem dinheiro? E depois à França e à própria Alemanha? Revoltas umas atrás das outras? Já ontem houve grandes manifestações em Espanha e lá é mais duro do que em Portugal...

P: Em Portugal também é preciso uma política de rutura?

MS: Como disse, espero que seja pacífica. Não acho que haja necessidade de ruturas violentas, a menos que o Governo não entenda nada do que se está a passar. A propósito do Tratado de Estabilidade e Convergência, que foi discutido no Parlamento, o PS lançou a ideia de fazer uma adenda para completar o Tratado. O Governo não ligou nenhuma! Era um punhado de questões necessárias, para resolver problemas graves. Disseram que não a todas. Como fazer consensos assim? Consensos em que só o Governo manda e os outros obedecem? Já lá vai o tempo do Salazar!

P: O próprio líder do PS disse – “se forem por aí, boa viagem, mas vão sozinhos”

MS: Exatamente, vão sozinhos. É aí que pode haver ruturas, mas espero que tenham o bom senso os que governam – e, legitimamente, diga-se, não estou a pôr a legitimidade do Governo em causa, sou um democrata – e portanto os socialistas podem perfeitamente dizer que se não querem fazer outra coisa, então sigam o seu caminho. Foi o que disse Seguro. Quem vai sofrer com

isso? O próprio Governo e a Coligação, mas, principalmente o País. Eu não sou profeta nem sei o que Seguro vai fazer. Ele é o líder do partido de que fui um dos fundadores e foi eleito por enorme maioria. Não tenho que lhe dar conselhos. Como é óbvio. Mas vou seguindo o que o Partido faz.

P: Até agora o PS tem viabilizado os orçamentos do Governo, porque está amarrado ao memorando da *troika*

MS: Não está amarrado. Esteve amarrado, porque o memorando já variou várias vezes e agora dentro da *troika* há quem não esteja de acordo com a teoria da austeridade, como o FMI. Se é assim, não é a mesma coisa. O que se está a passar é muito diferente daquilo que assinou Sócrates. O PS teve a honradez de o respeitar, porque Sócrates era o líder do Partido. Passaram oito meses, as coisas mudaram. O mundo muda muito. E está a mudar...

P: E chegou a altura?

MS: Não sei. Não sou líder. Sou um cidadão normal, que se vê como tal e que de vez em quando dá umas opiniões. Se são erradas ou certas, os outros que digam. Eu digo apenas o que penso e posso, claro, enganar-me, como toda a gente.

P: no 25 de Abril deu origem a muitos comentários, nem sempre favoráveis.

MS: Entre os comentadores, talvez; não, entre as pessoas, com certeza. No dia em que decidi, fui a Ferreira do Alentejo lançar o meu livro. Estava mais de uma centena de pessoas radiantes por eu o ter feito. Há três dias fui a Cabeceiras de Basto, no extremo do Minho, e foi a mesma reação. As pessoas tomaram a palavra para dizer o mesmo: que eu tinha feito muito bem e que “era preciso que houvesse mais gente a fazer o mesmo”. Isto por alguma razão é, não deixa de ser por causa de uns comentadores que têm, legitimamente, as suas opiniões. A comunicação social preocupa-me. Estamos a assistir à venda de jornais, sem se saber porquê, por quanto e a quem, e as televisões para lá caminham...

P: Está a falar de Angola...

MS: Sim, entre outros. Não sabemos como vai correr. Este nosso partido, que está no Governo, fazia bem e era útil que se acautelasse. Que não quisesse fazer mais do que pede a *troika* e começar a destruir o Estado Social, o Serviço Nacional de Saúde, as reformas e as pensões, as Universidades e o que conta neste país. Se vai por aí, não vai a parte nenhuma porque está a criar um desespero nas populações e isso é grave, como se tem visto nas manifestações ocorridas noutros países.

P: O seu gesto no 25 de Abril marcou.

MS: Sou um cidadão comum que teve - e tem - responsabilidades, das quais não abjuro. Mas quero lembrar que quando se fala da Associação 25 de Abril,

não é só o 25 de Abril, como julgam os comunistas, é também o 25 de Novembro. Vasco Lourenço e tantos outros sempre foram a favor e bateram-se pela liberdade. Os comunistas embrulham tudo e dizem que é só o 25 de Abril, a Revolução que tentaram fazer e perderam. Sou amigo dos militares do 25 de Abril e dos do 25 de Novembro. Ajudei a terminar com o Conselho da Revolução, porque quis em Portugal uma democracia pluralista mas também civilista. Foi o que aconteceu, felizmente, para nós.

P: Mas não foi ao Parlamento porquê?

MS: Por isso. Porque os meus amigos do Grupo dos Nove, do 25 de Abril e do 25 de Novembro, tomaram essa posição e eu fui solidário com eles. Achei que era interessante que um civil, que ainda por cima é civilista, diga que eles têm razão para estar descontentes. O que se está a passar é a destruição do nosso Estado Social. É tão simples como isso. É assim tão incompreensível? O povinho que eu tenho frequentado percebeu tudo. Os comentadores são uma coisa, o Povo é outra.

P: E como decidiu?

MS: Estava a ver televisão e ouvi o Vasco Lourenço a falar, a dizer que isto não pode ser, estamos a perder as conquistas de Abril, a segurança, o Serviço Nacional de Saúde e eu a pensar “este tipo tem razão” e, depois, disse: "resolvemos não ir aos festejos oficiais". Nesse mesmo momento pensei não ir, por ser solidário com os militares. O PS aguentou, sem deixar de ser solidário

comigo. Toda a gente compreendeu, exceto alguns comentadores que quiseram confundir. Eu combati o 25 de Abril comunista e estive ao lado do grupo de 25 de Abril, que fez a revolução do 25 de Novembro. Não há nenhuma incongruência.

P: Mas não foi à casa da Democracia...

MS: O Parlamento é a casa da Democracia, sem dúvida. Sempre fui parlamentarista. Mas não é obrigatório estar sempre nas festas do 25 de Abril. Muita gente, ao longo dos anos, tem ficado irritada com a maneira como se tem festejado o 25 de Abril. Sempre a mesma coisa, em que cada partido diz a sua, de acordo com o momento. Nada disso tira valor ao Parlamento. Agora parece que querem acabar com o feriado de 5 de Outubro, coisa de que eu não gosto nada. Mas enfim... Fiz aquilo que achei que devia fazer na altura. Se acharam que eu fiz mal, fiz mal, pronto, assumo a situação.

P: E para o ano voltará?

MS: Para o ano voltarei, espero, depende das circunstâncias.

P: Em relação a Passos Coelho, sempre disse ter uma boa opinião.

MS: Mantenho. Passos Coelho, é um homem sério, o que nos tempos que correm é quase uma raridade. Tem coragem, são coisas que aprecio, é um economista que estudou as doutrinas neo-liberais e acredita nelas. Eu não.

Mas neste momento parece estar tudo a mudar. E como primeiro-ministro não deve cometer erros.

P: Para si, hoje, a esquerda e a social-democracia é a defesa do Estado Social?

MS: Não só, mas também. A defesa do Estado de Direito, e temos bem que o defender – veja há quantos anos está a correr o processo do BPN e o que deu até agora? Ninguém fala disso? É estranho.

P: Mas é a bandeira com que mais identifica a social-democracia?

MS: A bandeira é o Estado Social, sem dúvida, mas tem muitas componentes. Porque tem de haver mais igualdade na educação, mais igualdade entre as pessoas - e entre os Estados da União - mais respeito por quem trabalha e pelas pessoas que passam mal, andam na rua e têm fome, como está a acontecer. O Estado Social foi um esforço que se fez depois do 25 de Abril e durante as crises anteriores e posteriores. Agora querem acabar com ele porque dizem que não há dinheiro? Mas, como disse atrás, dinheiro há sempre. Faz-se e se for preciso vai-se buscar onde existe...

Lisboa, Maio de 2012